

## ARTIGOS

## ECONOMIA PRATEADA NA LONGEVIDADE

**LAYLA VALLIAS**

Cofundadora da Hype60+  
layla@hype60mais.com.br



Já é notícia velha dizer que o Brasil está envelhecendo. Não procure dentro de casa: eles estão na rua, no metrô, na praia, no shopping, nas universidades. Trocaram a cadeira de balanço pela academia, a bengala pela bicicleta, o telefone pelo grupo de WhatsApp. Viajam, trabalham, namoram, estão em movimento. E, por isso, são os protagonistas da nova Economia Prateada. De acordo com o IBGE, os maduros são responsáveis financeiros e afetivos de 64% das famílias brasileiras e já movimentam R\$ 1,8 trilhão por ano em nosso país. No mundo, essa cifra aumenta para R\$ 30 trilhões no ano que vem – já representam, hoje, 50% do consumo global – e, quando comparado com os mais jovens, o consumo dos maduros cresceu três vezes mais rápido na última década.

Nos Estados Unidos, no entanto, 70% das agências americanas nunca receberam um

briefing para fazer campanhas para os consumidores maduros e somente 15% das empresas de lá têm algum produto ou serviço destinado a eles. Ainda não temos os números brasileiros para fazer essa comparação, mas isso diz que seriam ainda mais impressionantes: envelhecer no Brasil é ser invisível.

*Envelhecer no Brasil é ser invisível*

Na Hype60+, especializada no consumidor maduro, enxergamos a parte cheia do copo. São muitas as oportunidades de negócio que podem ajudar a dar vez, voz e valor ao público 60+. Para fazer direito, longe das armadilhas de estereótipos ou generalizações, precisamos começar mergulhando nas preferências e comportamentos dos

maduros. Isso passa pela sensibilidade de conviver com esse público e entender suas necessidades, o que vai desde uma atenção especial à comunicação – nada de cores bebes, sem graça e banco de imagens americanizados –, um design acessível – letras maiores, botões grandes – até uma arquitetura consciente – altura de prateleira nas lojas, disposição de objetos. Mas vai além: passa também por entender que existem diferenças significativas entre os 60+, seja por idade, estilo de vida ou classe social.

Joseph Coughlin, papa da Economia Prateada no mundo, fala que, se a gente cria algo desenhado para os 60+, consumidores mais exigentes, com certeza funcionará bem para todo mundo. Será de fato, um produto com design universal e com chances muito maiores de sucesso. A longevidade impacta não só nossas vidas e nossas famílias, mas também nossos negócios.

## REFORMAS LIBERAIS PARA GERAR RIQUEZA AO CIDADÃO

**RODRIGO LORENZONI**

Deputado estadual (DEM)  
rodrigo.lorenzoni@al.rs.gov.br



A abertura liberal que estamos vivendo é inédita na história do Brasil. Desde a década de 1930, vigoram no Brasil políticas econômicas majoritariamente desenvolvimentistas. Esse modelo preconiza que o crescimento do país deve acontecer por meio da participação ativa do Estado em qualquer setor considerado estratégico pelo governante de plantão.

O resultado dessa sistemática nós conhecemos bem: o aparato estatal cresceu desordenadamente e trouxe consigo um emaranhado burocrático que imobiliza a população, aumenta o custo Brasil e, consequentemente, espanta o investidor.

Agora, o governo Bolsonaro demonstra ter o compromisso de romper com esse padrão a partir da realização de reformas liberais no Estado. O objetivo é transferir parte do poder concentrado pelo governo ao cidadão.

Diversas ações corroboram essa afirmativa: pacotes robustos de privatizações e concessões, abertura de mercados, aceno à revisão do pacto federativo, controle rigoroso da inflação e compromisso com a redução gradativa da perulária máquina pública.

*Hoje, o RS é conhecido pelos entraves que impõe a quem deseja abrir uma empresa*

Uma medida, no entanto, merece destaque pela transformação radical que promove na relação entre empreendedores e o Estado. Trata-se da MP da Liberdade Econômica. Se antes quem desejava abrir uma empresa era visto com desconfiança pelas

autoridades, com a introdução das novas regras o indivíduo passa a ter autonomia para criar e administrar o próprio negócio.

Alinhado a esse momento e por convicção de que podemos avançar muito, protocolei na Assembleia Legislativa um projeto de lei baseado na medida federal. A proposta adapta a legislação gaúcha e estabelece que os órgãos estaduais também precisam seguir os parâmetros da lei nacional.

Hoje, o Rio Grande do Sul é conhecido pelos entraves que impõe a quem deseja abrir uma empresa. Por isso, é nosso dever aproveitar o contexto de abertura nacional e incluir o Estado em tais reformas. Esse é o caminho para deixarmos para trás o passado e construirmos um futuro próspero para as próximas gerações. Afinal, é a iniciativa privada, e não o Estado, que deve ser a indutora da produção de riqueza na sociedade.

## EM DIA

## DEPENDENTE DE NÓS

**PEDRO DUTRA FONSECA**

Professor titular do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS  
pedro.fonseca@ufrgs.br



As retaliações entre Estados Unidos e China complicam nossa vida, mas as consequências dependerão do próprio Brasil. O caminho a seguir diante de cenário externo adverso nunca vem sem dúvidas. E ideologia e emocionalismo nem sempre são bons conselheiros nesta hora, quando o pragmatismo do que é melhor comercialmente para o país deve prevalecer.

Na depressão dos anos 1930, Keynes surpreendeu ao aconselhar os ingleses que tratassem da economia interna e deixassem que o resto do mundo cuidasse de si mesmo. A mensagem subentendida que o Império Britânico não era mais hegemônico e remotas eram as chances de resolver a crise através do comércio exterior, pois todos estavam no mesmo barco. Muito se discute se tal conselho faria sentido atualmente, com a globalização financeira e produtiva e a velocidade das informações (a queda da bolsa de Nova York, em outubro de 1929, só repercutiu no Brasil em meados de 1930; hoje seria instantaneamente). A questão da autonomia das políticas nacionais parecia pender para seu aniquilamento, até que o Brexit, Trump e os movimentos nacionalistas europeus acenaram para direção oposta. E o conflito entre EUA e China traz de volta o que parecia ter ficado no passado: guerras tarifárias e cambiais em nome do protecionismo.

O novo contexto reatualiza a frase de efeito de Keynes, pois, se bem conduzida, a política externa abre espaço para a barganha e novas oportunidades. Os dois países são os principais parceiros comerciais do Brasil. O Itamaraty tem sinalizado os EUA como principal aliado, o que recorda uma ideologia da época da Guerra Fria e que os próprios americanos já superaram: a briga com a China é simplesmente econômica, pois nesta o socialismo é tão passado como é o Oeste selvagem dos faroestes americanos. E, para o agronegócio, os EUA são concorrentes, enquanto a China é o principal cliente. Estaria o governo brasileiro disposto a prejudicar um dos mais pujantes setores da economia, além de sua base de apoio? Lembremos que o país passa por uma estagnação duradoura da qual dificilmente sairá sem ampliar seu comércio exterior.

E, por sua dimensão, não é desprezível no jogo, seja como exportador ou importador. Temos a tendência histórica de culpar os outros pelo fracasso de nossas decisões equivocadas. Desta vez, avisos não faltam.

E, por sua dimensão, não é desprezível no jogo, seja como exportador ou importador. Temos a tendência histórica de culpar os outros pelo fracasso de nossas decisões equivocadas. Desta vez, avisos não faltam.

Pedro Dutra Fonseca escreve às quintas-feiras, a cada 15 dias. Amanhã: **Igor Oliveira**, consultor empresarial

*Se bem conduzida, a política externa abre espaço para a barganha e novas oportunidades*